

# LENDO NIETZSCHE À LUZ DO FUTEBOL

Olímpio Pimenta

## *Resumo*

*A autor toma o futebol como um campo fértil para refletir valores da filosofia de Nietzsche, fundamentalmente aqueles que oporiam o futebol arte, produto dos senhores, com seus craques, suas jogadas geniais e vocação para o ataque, ao futebol de resultados, do homem comum, com ênfase em volantes de marcação, estratégias que jogam pelo regulamento, esquemas táticos baseados no contra-ataque.*

*Palavras-chave: bem, mal, moral dos senhores, criatividade.*



“Além do bem e do mal” é, por vários motivos, um livro muito impressionante. Nunca antes dele houve um mapeamento tão exato dos labirintos da lama moderna. Nunca as avaliações e a sensibilidade típicas da decadência encontraram um intérprete tão arguto. Mais importante: em nenhum outro lugar Nietzsche mostra com tanta clareza o contraste entre os valores nucleares de seu pensamento e aquilo a que ele dá combate. A preponderância de perspectivas de análise orientadas pela noção de dominação confere ao texto uma enorme força explicativa, tendo sua tônica definida em termos de variações a propósito do exercício do poder, as investigações de ordem moral que estão no seu cerne iluminam com extrema inteligência os caminhos de uma filosofia do futuro. Pela coesão entre atitude, gosto e realização estamos, lá, na presença de uma integridade filosófica raramente atingida em qualquer tempo.

Assim, por uma opção de princípio, o conjunto de processos com os quais lidamos sob o título de realidade, em todos os níveis e sob todos os aspectos, são pensáveis como efeito de arranjos de forças em conflitos e circulação. A determinação de uma direção, qualquer que seja, ao curso dos acontecimentos, é o primeiro sinal nítido da emergência de uma supremacia. A duração desta no tempo tende a consolidar estilos e tradições que vão reproduzir-se às custas de tudo o que lhes oferecer resistência. Cabe um exemplo, curioso por seu caráter paradoxal: mesmo os que defendem que a solidariedade é preferível ao espírito competitivo só conseguem fazer de sua escolha uma lei se impõem-na aos demais, ao termo de uma competição. A luta pela hegemonia e pela formação de hierarquias é, afinal, diretriz básica de uma personalidade, de uma cultura e mesmo de uma época inteira.

A admissão disso acarreta grandes responsabilidades para o leitor. Torna-se fundamental a questão sobre como apreciar com justiça, no sentido mesmo de assimilá-las, as duríssimas lições da moral aristocrática que o livro veicula. Governadas pelo “*pathos da distância*” (BM, 257), as indicações sobre a promoção do sofrimento em larga escala nada podem ter a ver com regras igualitárias. Com certeza, sua adoção literal não é para qualquer um, nem tampouco para qualquer ambiente. O livre recurso à crueldade, por exemplo, está reservado para poucos, cujo credenciamento está longe de se pautar por critérios universais.

Aliás, o elogio do tipo excepcional, embora ostensivo, não é, de modo algum, imediatamente acessível. Como de hábito, a pergunta “Quem?” funciona como instância que decide sobre a força de uma interpretação. O leitor medroso tende a identificar o diferente como um perigo a mais. Como para ele o risco é um mal, termina por sa-

tanizar aquele que poderia trazer consigo chances efetivas de mudança. Os integrados a doutrinas ou partidos, incapazes de confiar no que não é comunidade, invertem todos os sinais, censurando a exceção e demandando a recondução do extraordinário ao ordinário. Negligenciam o fato de que o melhor em seus fundadores só pode ter florescido também no isolamento e na ação a partir de escolhas independentes. Há por fim leitores apressados e infelizes que se acham desde logo investidos na função de legisladores – pretensão absurda, porque erguida pela via de uma vingança imaginária. Impossível reconhecer mérito a leituras como essas, mesmo porque “as grandes coisas ficam para os grandes, os abismos para os profundos, as branduras e os tremores para os sutis e, em resumo, as coisas raras para os raros” (BM, 43).

Estamos, portanto, de volta à pergunta inicial. Quem entre nós, ou o que em nós, é raro o bastante para aspirar à condição de nobreza conforme Nietzsche? Para prevenir equívocos, cumpre lembrar também de excluir a candidatura dos homens do conhecimento, eruditos ou não, cujo prestígio profissional não deve ser confundido com relevância filosófica. O parâmetro para a apreciação de algum feito à luz do ponto visado não é seu proveito para o maior número de usuários possível. Produtividade, relação entre custo e benefício e demais escalas dessa ordem não pertencem ao universo de interesse da investigação, embora sirvam de escolta freqüente para a ciência. Se os favores da época vão para os que contribuem para um tipo de progresso que é apreciado assim, resta lembrar que a suspeita está sendo dirigida inclusive para o próprio ideal de progresso. Por exemplo: exercício de controle tecnológico sobre a natureza tem sua importância, mas é uma preocupação menor se pensando em contraste com a questão sobre quem é a gente que deve prevalecer-se dele. Aí, ao menos uma coisa é certa: as competências do técnico não servem de matriz para a avaliação de seu desempenho se ele chega a uma posição de mando. Não convém que a eficácia em seu ofício assegure a ele a definição dos rumos da cultura, pois, para esta tarefa, as qualidades necessárias parecem ser outras.

Entender a dinâmica de uma “moral dos senhores” (BM, 260) exige de nós, então, a consideração de eventos alheias à vida acadêmica. Importa notar, de passagem, que a extensão e os contornos dos termos “nós” e “nossos” só serão definidos em decorrência das respostas dadas ao repertório que se segue. As perguntas que se impõem são: qual é a experiência que permite-nos falar com orgulho a partir da perspectiva de nossa singularidade? Onde nossas preferências ditam

a regra não para todos, mas apenas para os melhores? E, em geral: sobre que dimensão de nossa presença no mundo imprimimos o sinal de uma forma de vida afirmativa, obrigando quem participa também daquilo a nos acompanhar, a se submeter a um ritmo que lhe é estranho, o nosso ritmo? Trazendo à baila o título dado, é a esse respeito que pode interessar uma interpretação de Nietzsche pelo futebol.

O jogo mais importante do mundo coloca em cena protagonistas muito diversificados – no limite, todas as variedades do humano são exibidas e provadas nele. Campo para a expressão das formas mais extremadas de paixão revela o que existe de mais íntimo nos corações e mentes de uma torcida e de uma nação, conta a história de um bairro e de uma cidade, mostra a ordenação pulsional e a disposição para a vida e a morte de todo um povo. Clubes, ídolos, seleções, jornadas memoráveis, vocações para jogar na frente ou no meio – existem pontas natos, homens-gol, zagueiros de respeito, qualquer um sabe disso – tudo é filtrado ali. A convivência com seus códigos, com as figuras consagradas, tanto em carne e osso no estádio quanto no papel diário da crônica esportiva, abrem terreno para um sem número de chances de decifração dos eventos que movimentam nossa atmosfera espiritual. Quero dizer: não há faceta da condição humana indiferente ou opaca ao futebol.

Como se não bastasse, seus principais elementos de natureza técnica e tática remetem-nos diretamente ao domínio da agonística – que, conforme já notamos, consiste em dimensão primordial da nossa experiência segundo Nietzsche. Começa-se por dominar a bola. Passá-la, driblar o adversário, arrematar uma jogada para o gol, nada funciona se o jogador não dispõe de controle sobre ela. Numa aproximação um tanto imprecisa, o comportamento do jogador pode ser comparado à emissão de um discurso. A falta de intimidade com a bola equivaleria a uma incapacidade na lida com as palavras, a habilidade em mantê-la e trabalhá-la seria análoga à maestria discursiva. Em ambos os casos ou se é senhor ou apenas aprendiz.

A segunda instância do combate, assegurada a posse da bola, é o domínio das ações da partida. Ocupação de espaços, pressão na marcação, saber sair da marcação com deslocamentos velozes – traços que decidem sobre a prevalência de uns sobre outros, sejam times, craques ou estilos de jogo. Por toda a parte, já se vê, o destaque e a exceção comandam o jogo. E o sentido disso é simples: onde a exuberância reina sobre a eficiência e a armação e o ataque desafiam uma defesa fechada, uma partida alcança sua hora mais alta. Confrontam-se os impulsos mais elementares do jogo, valendo-se de suas respec-

tivas estratégias. Um é a aspiração à vitória pelo recurso às virtudes ofensivas. Os maiores perigos estão à sua espreita: o desperdício de chances seguidas, o azar, uma atuação de gala do goleiro oponente. Outro é a pretensão de obter a vitória pela resistência através de ações de desarme e neutralização das iniciativas alheias combinada, é claro, a uma – basta uma – incursão oportunista bem sucedida até o gol de lá. O caráter e o temperamento de uma equipe e da cultura que ela representa podem ser medidos pela gradação que vai de um ao outros pólos descritos.

O ponto mais duro para a reflexão está, com isso, lançado. As duas vertentes da alternativa acima já se provaram capazes de conduzir escolas muito diferentes a conquistas e fracassos igualmente notáveis. Sua equivalência não interessa: a primazia de alguma delas deve ser estabelecida. Diante do problema, duas tentações se apresentam: ou definir as coisas em termos absolutos, com o que só importa vencer, ou admitir a completa relatividade para a apreciação de estilos, façanhas e derrotas, aceitando sem distinção qualquer desfecho. Eles fariam parte, final, de um universo em que a incomensurabilidade proíbe decisões justificadas. O primeiro caso é fruto de uma espécie de conversão da tabela de resultados em critério último para a valoração sobre algo como se a realidade fosse redutível a arranjos de ordem prática. O segundo lembra-nos um relativismo de cores céticas. Ao que tudo indica, são modernos em demasia.

Preferir qualquer ganho a qualquer perda e eleger os lucros e as vantagens decorrentes disso como princípio de conduta são, hoje, prática muito disseminada. Sintomas da “*evolução do homem rumo ao semelhante, costumeiro, mediano, gregário rumo ao vulgar!*” (BM, 268), parecem atender aos anseios da maioria. O time jogou feio, mas ganhou, e isso é o que conta. Desde que devidamente aflitos e desencorajados, aceitamos a redução de expectativas como expediente legítimo. “*Quando é maior o perigo, maior é a necessidade de entrar em acordo, com rapidez e facilidade, quando ao que é necessário fazer; não entender-se mal em meio ao perigo, eis o que os homens não podem dispensar de modo algum no convívio.*” (BM, 2687). Isto é: trezentos caras dentro da área e, quando um sair, todo mundo na cobertura. Nenhum problema em rechaçar as ameaças na base do chutão afinal – afinal, é campeonato. A esse respeito, vale lembrar em antigo piloto de carros de corrida: todo ano alguém vence o campeonato, mas nem todo ano termina com um campeão de verdade. Ou, de novo com Nietzsche: “*É preciso invocar prodigiosas forças contrárias para fazer frente ao natural, muitíssimo natural, progresso no semelhante.*” (BM, 268).

Evocada sob o rótulo genérico do ceticismo, a disposição para conterporizar e fazer concessões, relativizando qualquer apropriação do jogo, requer, por sua vez, maior cuidado analítico. Antípoda da obsessão pelo resultado, esta atitude depende da sempre ambígua obtenção do sentido histórico, “*instinto para tudo, gosto e língua para tudo.*” (BM, 224). Predisposto por este sexto sentido a aceitar e compreender o que quer seja que for humano, seu cultor fica incapacitado para entender que um triunfo exige a contrapartida da sujeição. Embora o jogo seja para todo mundo, a aptidão para jogar bem depende de um apetite muito exclusivo – o apetite pela duração. Nenhuma variação relevante acontece sem referência a uma regra de ouro. Esta resulta da seleção de algo em meio a um acervo imenso de experiências acumuladas. Toda a vitalidade de um time criativo e capaz de improvisar tem seu segredo aqui. Medidas que lhe são próprias, cristalizadas como o melhor de seu caráter, inspiram-lhe confianças em meio à disputa. O que se convencionou chamar de talento é, pois, produto de uma longa maturação, não sendo nada espontâneo. Adquirido como uma segunda natureza, tem a ver com restrição, completude, auto-afirmação na conquista. Resumindo: não há espaço para o ecletismo entre os melhores times, mas uma duradoura disposição para o ataque os diferencia dos demais.

O fato de que no futebol nem sempre vence o melhor pode confirmá-lo na condição de um jogo ingrato. Diante de uma retranca, o ônus da superação é essencialmente unilateral. Permanecer no ataque é desgastante e não conta pontos. Um contragolpe apenas pode por uma campanha inteira a perder. Ora: a adesão a constatações prudentiais desse tipo pode dar origem a uma mentalidade estranha ao que vale mais no jogo desde nosso ponto-de-vista. Frente à ruína e à devastação que eventualmente decorrem dos investimentos mais audaciosos, pode insinuar-se como coisa louvável que se proceda a um rebaixamento de expectativas. O cálculo que instrui a jogar no erro do outro e não nos próprios acertos, as vantagens de ter o regulamento na mão, a valorização dos volantes de contenção itens assim podem garantir empates fora de casa ou vitórias apertadas e sem brilho. Mas transformá-los em componentes básicos de estratégia só faz sentido se o elenco disponível for medíocre demais. Nietzsche descreve alguns desse molde: “*O que eles gostariam de perseguir com todas as forças é a universal felicidade do rebanho em pasto verde, com segurança, ausência de perigo, bem-estar e facilidade para todos*” (BM, 44). A atividade é reduzida ao mínimo, a intuição e a invenção são postas de lado, todo o metabolismo é freado às raias da letargia. O jogo se arrasta. Insis-

tir nos antídotos dispostos em “*Além do bem e do mal*” contra semelhante empobrecimento da vida é o movimento que assinala o termo de nossa interpretação.

Defender os fortes contra os fracos protegê-los dos fracos. Proferecimentos como esses costumam suscitar mal-estar em torno de Nietzsche. O que pretende, enfim, um que deseja implantar na terra a “*disciplina do grande sofrimento*” (BM, 225), por meio da qual a extensão e o aprofundamento da dor entre nós atingiriam proporções inéditas? Parece que a humanidade já se fartou de injustiças e de iniquidades: não precisamos de receitas morais como essas. E, no entanto, uma goleada humilhante sobre nossos adversários é sempre bem-vinda. O sonho de um massacre acachapante sobre rivais históricos só não é mais agradável que sua consumação. Todos se identificam com o 7 ou o 10 que deixou no chão seus marcadores e concluiu o lance batendo sem apelação a linha defensiva do time da lá. Seu talento, sua disciplina e seu gênio estavam a serviço da destruição do outro, pela imposição sobre ele de uma superioridade implacável. A dominação exercida pelo mais forte sobre o mais fraco é celebrada por toda parte como o coroamento da justiça: ninguém levanta objeção contra ela. No limite, mesmo alguma transgressão é tolerada em honra à criatividade e à graça da coisa.

O ânimo combativo que atravessa o conjunto de escritos em foco é um alvo fixo para a suspeita dos bem-pensantes. Sua apropriação literal seria um convite à guerra, à tirania e à escravidão em suma, um fermento para a estupidez. Convenhamos: é pouco plausível que um ambiente retórico refinado como o do pensamento nietzschiano seja ocupado por descrições factuais ou conclusões diretas. Onde: é razoável considerarmos que em todas as nossas atividades existe uma dimensão decisiva que é como um palco para a encenação de aspirações à soberania. Sob esta luz, o veneno nietzschiano torna-se um alto estimulante para espíritos livres, pois seu chamado à luta é para já. Ou seja: ao reconhecermos uma “*moral dos senhores*” como fio condutor de nossas experiências, não nos tornamos bestas sanguinárias, mas, apenas e precisamente, donos de nossos compromissos, de nossos pró e contra, de nossos sim e não. Isto implica, na melhor das hipóteses, que o significado e o valor de nossa existência serão atribuídos a ela por nossa própria conta e risco, a partir de nossas próprias medidas, a partir do alto.

Para concluir, é conveniente uma retomada das perguntas feitas lá atrás. Vivendo em uma região pobre e periférica do planeta, articulamos nossa nobreza e nosso orgulho em torno da esfera do futebol,

que entre nós é o caso paradigmático de uma existência que afirma suas peculiaridades. O perfil que se segue desenvolve até o fim as principais implicações disso:

*“Um homem que diz: ‘Isso me agrada, vou me apropriar disso, protegê-lo e defendê-lo contra todos’; um homem que pode conduzir uma causa, executar uma decisão, ser fiel a um pensamento, reter uma mulher, castigar e abater um insolente; um homem que tem sua ira e sua espada, a quem os fracos, aflitos, sofredores e também os animais se achegam com gosto e pertencem por natureza; em suma, um homem que é senhor por natureza”* (BM, 293) – este está preparado para receber a glória no futebol como a experiência de um seu igual.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:**

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Schwarcz, 1999. (Trad. Paulo César de Souza).

